

BRINCANDO COM PAPAGAIO DE PAPEL: UMA COMUNIDADE EM BUSCA DE LAZER

Maria Franciná Lira Ribeiro. UEA (1)

francinalira@yahoo.com.br

Roberto Sanches Mubarak Sobrinho (2)

mubarak@hotmail.com

Osmarina Guimarães de Lima (3)

byosmarina@hotmail.com

EIXO 2

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de campo realizada em um conjunto habitacional da zona Oeste de Manaus cujo objetivo central é conhecer o cotidiano das crianças que brincam de papagaio de papel nos finais de semana no Conjunto Cidadão X, situado no bairro Tarumã. A princípio, trouxemos a Constituição Federal Brasileira de 1988, para ressaltar o direito ao lazer das pessoas e principalmente das crianças, sendo este um direito social para todos os cidadãos brasileiros. No segundo momento, através do tema “Brincar de Papagaio de Papel – A prática de lazer da zona Oeste de Manaus”, caracterizamos as crianças (meninos de idades variadas) que frequentam o “pipódromo”, tendo como base, suas falas coletadas através de entrevistas. Com as entrevistas, foi possível analisar as necessidades básicas sociais dos moradores do conjunto, bem como suas práticas de lazer.

1

PALAVRAS-CHAVE: 1. 2 Brincar. 3 Lazer 4. Papagaio de papel

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido através de pesquisa de campo realizada no mês de setembro de 2015, na avenida Coletora 1, situada no Conjunto Cidadão X, bairro Tarumã, como o objetivo de conhecer o cotidiano das crianças que brincam de papagaio de papel nos finais de semana na rua citada, bem como a relevância desta prática em suas vidas como meio de lazer.

O interesse pelo tema “Brincando de Papagaio de papel: uma comunidade em busca de lazer” surgiu quando, por diversas vezes, passamos pela referida avenida

nos finais de semana e percebermos o grande número de pessoas concentradas no início dela soltando papagaio (pipa). Como o conjunto não possui praça, playground, nem tão pouco campo de futebol, para as pessoas se divertirem no final de semana, elas encontraram nos papagaios uma alternativa de diversão e interação entre as pessoas do conjunto com as dos bairros adjacentes, principalmente com as do Campos Sales. As pessoas que participam dessa atividade são do sexo masculino de idade diversa. Desde crianças a senhores de cabelo branco.

Nossa tática de aproximação foi comprar um papagaio e pedir para eles nos ensinarem a soltá-lo e, através dessa interação, adquirimos informações sobre suas atividades do cotidiano e qual a relação que eles tinham com a brincadeira de soltar papagaio. Obtivemos algumas informações de forma satisfatória levando em consideração que era a nossa primeira conversa com eles, que embora desconfiados na nossa real intenção na conversa, respondiam tranquilamente.

Nosso referencial teórico buscou, através de estudos de Políticas Públicas, trazer a visão científica e legal dos direitos das pessoas ao acesso ao lazer, a qual utilizamos para dialogar com as falas das crianças pesquisadas e de alguns adultos que compartilhavam com elas algumas horas de diversão.

Metodologia

A pesquisa foi de caráter bibliográfico e de campo para tentarmos conhecer como se dava a diversão das crianças no contexto mencionado. A pesquisa de campo constituiu-se na 2ª etapa do trabalho investigativo. O *locus* da pesquisa foi a avenida principal do conjunto Cidadão X (av. Coletora 1), a qual transforma-se em espaço para “soltar papagaios”, nos finais de semana.

A técnica foi a Observação Direta Intensiva, conforme as considerações de Eva Lakatos (2003, p.222), que “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”. Por isso, no primeiro momento nos condicionamos a observar a brincadeiras dos meninos com os papagaios.

Após a observação, realizamos a entrevista, que segundo Fonseca (2010, p. 110), “é um instrumento eficaz na escolha de dados fidedignos para elaboração de uma pesquisa, desde que seja elaborada, bem realizada e interpretada”, para podermos obter o máximo de informações dos meninos. O tipo de entrevista foi a Estruturada, a qual consiste em fazer uma série de perguntas para que se obtenham respostas para as mesmas perguntas. Perguntas a um informante, segundo um roteiro preestabelecido.

Esse roteiro poder ser um formulário que será aplicado da mesma forma a todos os informantes (FONSECA, 2010, p.110)

Considerando que para a coleta de dados “deve-se elaborar um plano que especifique os pontos de pesquisa e os critérios para a seleção dos possíveis entrevistados e dos informantes que responderão às entrevistas, aos questionários ou formulários (FONSECA, 2010, p.118)”, traçamos nosso plano de coleta de dados considerando os objetivos da pesquisa e observando os sujeitos investigados. As entrevistas foram feitas individualmente, deixando os informantes expressarem-se livremente.

A análise dos dados envolveu o estabelecimento de vínculo entre os dados de campo e o referencial teórico estudado, buscando atender aos objetivos da pesquisa e ao aprofundamento do estudo.

Resultados e discussão

3

Toda pessoa tem direito a usufruir de um tempo de folga, onde ela possa praticar de ócio (como eu sempre digo), de um tempo para ser usado para sua diversão. A Constituição Federal Brasileira de 1988 fala no Art. 6º. que : “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados [...]” (BRASIL,1988) . Desta forma, percebemos que o lazer é um dos direitos sociais de todos nós brasileiros, mas que, conforme discriminado no artigo, não é uma das prioridades, estando ela em sétimo lugar nos direitos sociais, e isto fica explícito no nosso dia-a-dia.

No cotidiano, as pessoas vivem “correndo atrás” de melhorias na profissão, alimentação (pelo menos o básico forte para trabalhar), moradia, transporte (para chegar no horário certo ao trabalho), a educação e assim, sucessivamente. Deixei a Educação relacionada em quinto lugar porque, infelizmente, a grande maioria das pessoas prioriza o trabalho. O lazer é a última coisa que se pensa quando se fala em prioridade.

A partir das últimas décadas do século 20 temáticas acerca do lazer vêm sendo abordadas através de pesquisas, debates e publicações no mundo e aqui no Brasil também. Conforme GOMES (p.9, 2008):

Na atualidade brasileira, apesar da ênfase na educação para o trabalho, vem se avolumando a preocupação com o lazer enquanto fator básico para o exercício da cidadania plena e para a busca de uma vida com mais sentido e qualidade. O lazer, hoje, está presente não apenas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, mas também na Constituição Federal do Brasil, das políticas públicas e sociais nos âmbitos federal, estadual e municipal de nosso país.

Percebemos assim, que cada vez mais as pessoas estão mudando suas formas de enxergar o momento de diversão como perda de tempo, futilidade ou ato alienante, mas como um ato benéfico para si e para os outros, principalmente para a família, exercendo assim, sua cidadania dentro de um contexto sociocultural.

Segundo Christianne Luce Gomes (p.87, 2008), “na Língua Portuguesa, foi o termo latino *licere* que produziu a palavra lazer, com o significado de lícito, permitido”, que nos propõe vivenciar práticas culturais no nosso cotidiano como um bem de consumo, que, atualmente, vem impulsionando um mercado promissor na sociedade. O Vale Cultura, projeto do Ministério da Cultura em parcerias com as empresas é um exemplo disso, mas que não abrange a grande massa da população, eu, particularmente, não conheço ninguém que usufrua desse benefício, pois parte do interesse das empresas adquirem o serviço em prol dos seus funcionários, e não um benefício básico do trabalhador.

A comunidade do conjunto Cidadão X, localizada no bairro Tarumã, na zona Oeste de Manaus, não possui meios de lazer. Mas homens, rapazes e meninos encontraram na brincadeira de soltar papagaio, uma forma de diversão nos finais de semana.

O conjunto existe há seis anos e abriga cerca de mil famílias, mas NÃO possui posto de saúde, praça, feira comunitária, campo de futebol... Nada, além das casas, que possam tornar a vida dos moradores mais digna e prazerosa. Uma escola está sendo construída para atender o ensino fundamental, mas não se sabe quando será inaugurada. Este ano asfaltaram algumas ruas, que estavam esburacadas, e as crianças passaram a brincar de patins, bicicleta e futebol, mas a grande concentração de pessoas se dá nos finais de semana na avenida principal do conjunto para brincar com papagaio de papel.

Segundo Monteiro (2010):

O papagaio de papel de seda teve sua origem na China, há muitos séculos, [...]. Serviu tanto para o homem comum como para o rico, que dele se aproveitaram para desenvolver sua capacidade de ação fora do comum, nas guerras, nas festas populares, nas solenidades cívicas, nos divertimentos comuns de rua. Era um brinquedo barato de mandarins, crianças, de operários [...].

E no conjunto Cidadão X, essa prática era vivenciada na avenida, na entrada do conjunto. As pessoas utilizavam as duas vias para comprar, empinar, cortar e correr atrás das pipas que eram cortadas. Existiam duas bancas que vendiam os papagaios ao custo de R\$ 2,00 (ficam cada uma de um lado da rua). Durante a minha pesquisa observei as estampas dos papagaios e as linhas, que embora sejam proibidas, possuem cerol e eram vendidas normalmente. O proprietário nos explicou que as linhas não eram mais vendidas por metros, mas por minutos em que elas ficavam sendo enroladas no carretel. Havia carretéis de dez e quinze reais. Falei com um rapaz cujo carretel custou R\$150,00 porque a quantidade era grande e a linha era siliconada!

Compramos um papagaio na banca que ficava ao lado esquerdo da rua. Ela tinha cor lilás com várias cabeças de caveiras. Compramos pensando na minha filha de uma pessoa da nossa equipe de pesquisa, que gosta muito desse tipo de imagem. Perguntei ao proprietário se ele tinha parente (criança) brincando no local e falei que eu era aluna da Universidade do Estado do Amazonas estava fazendo uma pesquisa para saber como as crianças se divertiam nos finais de semana. Ele respondeu-nos que não tinha parentes no local. No primeiro momento, ficamos observando. Nos dirigimos até o meio da rua (canteiro) e lá ficamos parados, com o papagaio na mão, sem linha, esperando uma oportunidade de falar com alguém. Temíamos por hostilidade por parte dos brincantes.

Havia várias crianças, na verdade, meninos de diferentes idades, mas todos tinham algo em comum: os pés descalços! Uns estavam com camisa, outros não. Uns tinham linha, mas não tinham papagaio. E era com estes que eu queria interagir. Fiquei perto de um senhor que falava com dois garotos. Ele estava com um papagaio velho e remendado. Um dos garotos só ficava olhando, a espera de um papagaio ser cortado para poder correr e tentar pegá-lo. Perguntei do senhor se os garotos eram seus filhos e

ele respondeu que não. Explicamos o motivo da nossa presença lá. O homem era proprietário de uma pequena loja de material de construção próximo ao local, mas fica fora do Conjunto. Ele disse-me que o local era frequentado por crianças e velhos como ele.

O homem estranhou a minha vontade de aprender a soltar pipa, mas nós confirmamos o nosso interesse. Então ele pegou-o da minha mão e começou a prepará-lo para fazê-lo subir. Enrolou a linha superior, a direita da pipa na tala que fica ao centro. Depois fez o mesmo no lado esquerdo, deixando-a curvada. Imaginamos que o vento bateria no “peito” da pipa e a faria levantar no ar melhor daquela forma... Em seguida o senhor perguntou para um dos meninos se ele queria me ensinar. O menino disse que sim e pegou a pipa do homem e a amarrou na linha dele e a fez ganhar alguns metros de altura. Aproximamo-nos dele e pedimos para que ele nos ensinasse os movimentos. O papagaio foi cortado por outro brincante e ficamos olhando a correria das crianças e dos rapazes para pegá-lo...

O homem compadeceu-se de nós e deu-nos o seu papagaio velho remendado para que continuássemos a brincar. Durante a brincadeira fui conversando com o garoto para saber: nome; idade; endereço; que horas chegava lá e quando ia embora; se estudava e onde. É importante dizer que só tivemos oportunidade de conversar com as crianças uma vez, pois no domingo seguinte ao que fomos, houve briga entre os brincantes e denúncia de uso de cerol nas linhas e quando retornamos ao “pipódromo” não havia mais nenhuma atividade. Fomos até a loja de material de construção do senhor que mencionamos acima e ele nos passou essas informações. Portanto, as falas das crianças que relataremos a seguir serão deste primeiro e único contato.

Sonia Kramer, em seu artigo *Autoria e Autorização: Questões Éticas na Pesquisa com Crianças*, assim como outros autores, nos fazem pensar como devemos nos comportar quando pesquisamos esses sujeitos dotados de direitos, de modo a preservar suas identidades e dar voz a suas falas, preservando a ética do pesquisador e mantendo fidedignidade aos dados levantados. Sendo assim, diante da nossa limitação, em dar continuidade, em ouvir a opinião das crianças pesquisadas acerca da divulgação de suas identidades, devido a suspensão da brincadeira de soltar papagaio, optamos em identifica-las pela primeira letra do nome.

O garoto que nos ensinou a empinar pipa chama-se “D”. Ele disse-me que tinha 14 anos, mas eu estranhei, pois ele é menor que eu (geralmente os meninos dessa idade já têm cara de rapazes). Descobrimos também que ele solta papagaio desde os 10 anos e está fora da escola porque viajou para o Pará com sua mãe e voltou para morar com o pai e a madrasta na Rua 2 do Conjunto. Só foi para o “Pipódromo” hoje depois do almoço, pois o seu pai está preocupado com o seu peso. Ele disse:

“Eu venho de manhã, mas hoje eu vim de tardzinha, depois do almoço, pro papai não brigar. Porque eu tô muito magro”.

Quando questionamos por que ele não estava estudando, respondeu assim:

“Eu tava viajando e cheguei atrasado”.

Perguntamos também se era o pai dele que dava dinheiro pra ele comprar os papagaios e as linhas. Ele disse-nos que as vezes o pai dava. Questionamos: E quando você não tinha dinheiro? Ele respondeu:

“Eu aparo!”.

Percebemos que o fator financeiro não era um empecilho para ele se divertir. Ela sai de casa sem nada de dinheiro, apenas com sua roupa do corpo, sem sandália ou sapato (creio que fosse para facilitar na hora de correr atrás do papagaio) que a diversão estava garantida.

O segundo garoto é “E”. Tem 12 anos. A primeira pergunta que fiz para ele brincava de papagaio todo dia e ele me respondeu:

“Não. As vezes jogo bola.”

Nos sentimos mais à vontade para perguntar, pois eles já haviam percebido que eu estava realmente fazendo uma pesquisa. Então perguntamos que horas ele costumava ir pra lá e até que horas ficava? Onde estudava? Onde morava? Como fazia para juntar os amigos para ir para o pipódromo? Ele foi respondendo de maneira tímida:

“eu venho 3 horas. Fico até ir pra casa”.

“Estudo aí, no Integral”.

“Sou dali de baixo”.

“Marcamos hora pra vim pra cá”.

O “E”, estuda no colégio de tempo integral que fica próximo ao conjunto, na parte de cima de uma ladeira. E mora no Campos Sales. Quando ele disse “sou dali de baixo” apontou para a rua que dá acesso ao conjunto Cidadão X. Como ele estava empinando o papagaio pedimos pra ele nos ensinar a mantê-lo no ar. Ele nos ensinou ou movimentos dizendo:

“É só fazer assim ó: puxa”

O terceiro garoto foi o “V”. Ele tem 10 anos. Perguntei quando ele começou a brincar de soltar papagaio. Ele me respondeu de forma natural:

“É porque eu morava na compensa e sempre via os meninos brincando, aí um dia minha mãe comprou pra mim”.

Perguntamos também onde ele estudava e que horas costumava voltar pra casa. Ele disse:

“Ali no Dalvina. Aqui pertinho”.

“A hora de nós ir... as vezes tem ladrão.”

Quando o “V” disse “as vezes tem ladrão”, é porque na Rua 1 já aconteceram alguns assaltos. Durante a semana não é aconselhável ficar nas paradas de ônibus sozinho, principalmente no horário de 12h ou depois das 18h. Já estava anoitecendo e após do alerta do “V” resolvemos encerrar a pesquisa e voltar para casa. Mas durante a nossa entrevista, o papagaio velho que o senhor tinha me dado e que eu tinha deixado com o “D” foi cortado e ele saiu correndo na tentativa de recuperá-lo, mas um garoto o “apareou” e eu vi o “D” apontando pra mim. Entendemos que ele estava dizendo pro outro garoto que o papagaio era nosso. Sinalizamos com a mão, de longe, que era meu, então o garoto devolveu a pipa pra nós.

Conversamos um pouco com alguns adultos e descobri que quando eles não estão na rua do conjunto, estão na Ponta Negra ou no bairro da Compensa. Encontramos um que gosta de pescar quando o rio seca, ele prefere se aventurar em uma boa pescaria. Deixei o papagaio com “D” e fomos embora dizendo que voltaria no domingo seguinte...

Conclusões

O objetivo da nossa pesquisa era conhecer o cotidiano dos meninos que brincam de papagaio de papel nos finais de semana no Conjunto Cidadão X, assim como a relevância dessa brincadeira em suas vidas como meio de lazer. Através das entrevistas, foi possível caracterizá-los como meninos de 10 a 14 anos de idade, que moram no conjunto ou nas adjacências que se reúnem nos finais de semana pra se divertirem com os papagaios de papel porque não existe, dentro do conjunto áreas de lazer apropriadas.

Embora a Constituição Federal Brasileira e a Declaração dos Direitos Humanos digam que todo pessoa tem direito ao lazer, juntamente com a Educação, Saúde, Moradia, etc., percebemos o descaso, por meio dos governantes, de proverem tais benefícios para a população. Se nem escola o conjunto, existente há cinco anos, não tem, muito menos terá, nos próximos cinco anos, uma praça, uma quadra de futebol, centro de convivência da família...

A falta de planejamento na construção desses conjuntos habitacionais, visando o bem estar das pessoas, ocasiona tais problemas. Pensam que as pessoas só precisam de um teto sobre suas cabeças. Não incluem no projeto, ou não executam, a construção de feiras, postos de saúde, escolas, posto policial, praça de alimentação e espaços de convivência e de práticas socioculturais.

Embora saibamos que esses benefícios são de primeira necessidade para nós, ficamos a espera de políticas públicas concretas e acessíveis para que possamos exercer nossa cidadania de forma digna.

Referências

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro gráfico do Senado Federal, 1988.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos** / Luiz Almir Menezes Fonseca. 4. edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e Educação: Relações históricas, questões contemporâneas**/ Christianne Luce Gomes. – 2. ed. e ampl. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5 ed. – São Paulo: Atlas 2003.

MONTEIRO, Mário Ypiranga Monteiro. **Papagaio de Papel.** / Mário Ypiranga. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, EDUA, 2010.